

RUDYARD KIPLING

MOGLI
O MENINO LOBO

TRADUÇÃO:
Monteiro Lobato

EDIÇÃO REVISTA E ATUALIZADA





Os irmãos do Mogli

E então trouxe a noite Chil, o gavião
Que o morcego Mang liberta –
O gado é preso no estábulo para proteção,
Pois soltos estamos, até a manhã incerta.
É esta a hora do orgulho e da força.
Unha ferina, aguda garra.
Ouve-se o grito: “Uma boa caça
A quem a lei da selva se agarra”.

Canto noturno da selva



OS IRMÃOS DE MOGLI

Nos montes Seoni, ali pelas sete horas daquela noite tão quente, Pai Lobo despertava do seu longo sono, coçava-se, bocejava e alongava as patas, uma depois da outra, para espantar delas a sensação de cãibra. Deitada ao seu lado, com o focinho cinza entre os quatro filhotes de pernas bambas que ululavam, Mãe Loba tinha os olhos fixos na lua, que, naquele momento, aparecia na boca da caverna onde eles todos moravam.

— Opa! Está na hora de sair de novo à caça — disse Pai Lobo. E estava prestes a deixar a caverna quando um vulto de cauda peluda apareceu na entrada e ganiu:

— Boa sorte para você, ó chefe dos lobos! — exclamou o vulto. — Que além da boa sorte, dentes fortes e brancos acompanhem sua nobre ninhada, para que jamais se esqueçam dos famintos deste mundo.

Era o chacal¹ Tabaqui, o comilão, que os lobos da Índia desprezavam por viver fazendo pequenas maldades e contando mentiras, quando não andava revirando o lixo das aldeias para roer trapos e pedaços de couro. Mas se o desprezavam, também o temiam, porque era chacal, e os chacais facilmente ficam loucos, esquecem o respeito aos mais fortes e correm pela selva mordendo todo animal que encontram. Até o tigre foge, ou se esconde, quando vê o pequeno Tabaqui.

— Entre — disse-lhe Pai Lobo. — Mas desde já aviso que não há nada de comer aqui.

— Não haverá para um lobo — respondeu Tabaqui. — Mas, para uma criatura mesquinha como eu, um osso velho vale por um banquete. Quem somos nós chacais para escolher?

1 Chacal: mamífero feroz, da família dos canídeos, como os lobos e as raposas.

E, dizendo isso, dirigiu-se, guiado pelo faro, a um canto da caverna onde havia alguns ossos de cervo com um pouco de carne que começou a roer alegremente.

— Muito obrigado por esse delicioso petisco — disse Tabaqui, lambendo os beiços. — Que lindos filhos os seus, Pai Lobo! — continuou. — Que olhos grandes! E tão jovens! Não negam serem filhos de rei.

Tabaqui sabia muito bem que não era de bom-tom elogiar uma cria cara a cara e, se daquele modo elogiava os filhotes do lobo, fazia-o apenas para ver o constrangimento causado aos pais. Assim, sentou-se sobre as patas traseiras e ficou um instante calado, apreciando a própria travessura; depois disse, com maldade:

— Shere Khan, o maioral, mudou seu campo de caça. Vai agora caçar por esses montes, foi o que ele me contou.

Shere Khan era o tigre que morava às margens do rio Waingunga, a pouco mais de trinta quilômetros dali.

— Ele não tem o direito de fazer isso! — protestou Pai Lobo, irritado. — Pela lei da selva, não tem o direito de mudar de campo de caça sem avisar aos moradores. A presença de Shere Khan aqui vai espantar a caça num raio de quinze quilômetros, e eu... eu tenho que caçar por dois agora.

— Não é à toa que a mãe de Shere Khan o chama de *Lungri* (o manco) — disse Mãe Loba. — Ele nasceu manco de uma pata; por isso só se alimenta de gado. Agora, como os habitantes humanos do Waingunga andam furiosos com ele, então ele veio para cá enfurecer também os homens desta região. Devemos todos agradecer ao tal Shere Khan!

— Devo contar a ele sua gratidão? — perguntou com ironia o chacal.

— Fora daqui! — berrou Pai Lobo, enfurecido com a impertinência. — Vá caçar com o seu mestre, já nos aborreceu o bastante por hoje.

— Vou, sim — respondeu Tabaqui, muito calmo. — Já estou ouvindo os passos dele por entre os arbustos.

Pai Lobo empinou as orelhas. De fato, distinguiu, vindo do vale por onde corria um riacho, o bufar furioso de um tigre que não caçou nada e parecia não se importar que toda a selva soubesse disso.

— Doido! — exclamou Pai Lobo. — Começar sua caçada noturna bufando dessa maneira... Será que pensa, por acaso, que os cabritos monteses desta região são os bezerros gordos do Waingunga?

— Xiu! Ele não está caçando bezerro nem cervo — advertiu Mãe Loba.

— Está caçando homem...

O barulho se transformou numa espécie de ronronar cantarolado que parecia vir de todos os quatro cantos. Era o ruído que desorientava os lenhadores e ciganos que dormem ao relento, fazendo-os correr, às vezes, justamente em direção à boca do tigre.

— Caçando homem! — repetiu Pai Lobo, com os dentes arreganhados. — Esse tigre não tem rãs e besouros o suficiente nos pântanos para inventar de caçar homens, e logo na nossa área?

O ronronar do tigre ficou mais alto, e terminou, enfim, em um urro: sinal de bote. Em seguida, ouviu-se um uivo de desapontamento de Shere Khan.

— Errou o pulo — disse Mãe Loba. — O que terá acontecido?

Pai Lobo correu para fora e logo parou para ouvir melhor os urros ferroses de Shere Khan que uivava como se houvesse caído numa armadilha.

— O doido se atirou em uma fogueira de lenhadores e queimou as patas — respondeu Pai Lobo, num rosnado. — E Tabaqui está com ele — completou depois, ouvindo de longe o que se passava.

— Algo se aproxima — disse Mãe Loba, empinando uma orelha. — Atenção!

Também ouvindo um rumor na folhagem, Pai Lobo ficou de bote armado para o que desse e viesse. Aconteceu então uma coisa linda: um bote que se deteve a meio caminho. Porque o lobo iniciara o pulo antes de saber do que se tratava e, já no ar, vendo o que era, recolheu o resto do pulo, voltando à posição anterior.

— Homem! — exclamou Pai Lobo. — Um filhote de homem!

Em frente a ele, de pé, apoiado em um galhinho baixo, havia um menino nu, de pele morena, que mal começara a andar: o pequenino mais fofo e com covinhas que já aparecera em uma caverna de lobo à noite. O menino olhava para Pai Lobo, sorrindo.

— Filhote de homem? — repetiu de longe Mãe Loba. — Nunca vi um. Traga-o para cá.

Acostumados a lidar com as suas próprias crias, os lobos conseguiriam levar um ovo na boca sem quebrá-lo; por isso, Pai Lobo pôde trazer o menino suspenso pela nuca e colocá-lo no meio da sua ninhada, sem lhe causar o menor arranhão.

— Que pequenino! É tão valente! — exclamou Mãe Loba, com delicadeza, enquanto a criança se ajeitava entre os lobinhos para melhor se

aquecer. — Ai! — continuou a loba. — Está comendo junto com nossos filhos, e é um filhote de homem... Será que já houve família de lobos que pudesse se gabar de ver um filhote de homem misturado à sua ninhada?

— Já ouvi falar de coisa assim — disse Pai Lobo. — Mas não em nosso bando nem durante o tempo de minha vida. Não tem nenhum pelo e morreria com um tapinha meu, mas veja! Olha para nós sem medo algum.

Nisso, a caverna escureceu: a enorme cabeça quadrada de Shere Khan bloqueava a entrada. Atrás do tigre vinha Tabaqui, choramingando:

— Meu senhor, meu senhor, ele se meteu aqui.

— Shere Khan nos honra com sua presença — disse Pai Lobo, amavelmente, saudando o tigre, embora a irritação dos seus olhos desmentisse a gentileza das palavras. — O que deseja, Shere Khan?

— Quero a minha caça: um filhote de homem que entrou nessa caverna — respondeu o tigre. — Seus pais fugiram. Entreguem-no!

Shere Khan pulou sobre a fogueira de um acampamento de lenhadores, exatamente como o lobo havia previsto, e estava agora furioso com a dor das patas queimadas. Queria se vingar no menino que conseguiu escapar. Mas Pai Lobo sabia que a entrada da caverna era estreita demais para dar passagem a um tigre e que, portanto, a cólera dele não oferecia perigo nenhum. Mesmo onde estava, as patas dianteiras de Shere Khan estavam apertadas e à procura de espaço, como estaria um homem se tentasse lutar dentro de um barril. Por isso, respondeu:

— Os lobos são um povo livre. Recebem ordens unicamente do líder da alcateia e jamais de um comedor listrado de bezerros. O filhote de homem é nosso, se quisermos.

— Se quisermos! — repetiu com sarcasmo o tigre. — Quem fala aqui em querer? Não vou ficar nessa caverna de cães à sua disposição. Sou eu, Shere Khan, quem fala, ouviu?

E o rugido do tigre encheu a caverna, igual a um trovão. Mãe Loba se aproximou dos seus filhotes, fixando nos olhos acesos do tigre os seus olhos vivos como duas luzinhas verdes.

— Quem responde agora sou eu — disse ela. — Eu, Raksha, a Demônia. O filhote de homem é nosso, *Lungri*, só nosso! Não será levado por você. Verá para correr pelos campos com o nosso bando e com ele caçar; e, por fim, preste bastante atenção, caçador de crianças, comedor de rãs e peixes, um dia ele vai caçar você! Vá agora! Corra para sua mãe, seu tigre manco! Vá embora!

Pai Lobo a observou assustado. Já quase se esquecera do dia em que conquistara aquela companheira em luta feroz com cinco rivais, no tempo em que a loba vagueava solteira no bando e ainda não recebera o nome de guerra que possuía agora: Raksha, a Demônia.

Shere Khan tinha aguentado o olhar do lobo, mas não pôde suportar o olhar da loba, firme na sua posição e pronta para lutar. Ele retirou da abertura da caverna a cabeça quadrada para, depois de alguns bufos, urrar:

— Todo cão sabe latir de dentro dos canis! Vamos ver o que pensa a alcateia sobre abrigar e defender filhotes de homem.

O tigre se retirou, bufando, e a loba voltou ofegante para o meio da sua ninhada. O lobo disse, então, sério:

— Shere Khan está certo nesse ponto. O filhote de homem tem que ser apresentado à alcateia para que os lobos decidam o que fazer. Você ainda quer mantê-lo conosco?

— Sim — respondeu rapidamente a loba. — Chegou aqui descoberto, de noite, só e faminto. Apesar disso, não demonstrou medo. Olha! Lá está ele puxando um dos nossos filhotes... E pensar que por um triz aquele carneiro manco não o pegou aqui em nossa presença, para depois fugir para Waingunga, enquanto os camponeses estivessem caçando em nossas terras! Mantê-lo conosco? Mas é claro! — E, voltando-se para a criança: — Dorme sossegada, pequenina rã. Dorme, Mogli, pois assim vou chamá-lo daqui por diante: Mogli, a Rã. Dorme, virá o tempo em que você caçará Shere Khan, como ele quis caçá-lo ainda há pouco.

— Mas o que dirá a alcateia? — indagou Pai Lobo, apreensivo.

A lei da selva permite que cada lobo deixe a alcateia logo que se case. Mas, assim que seus filhotes desmamam, os pais precisam levá-los ao Conselho — geralmente reunido uma vez por mês durante a lua cheia — para que os outros os conheçam e possam identificá-los. Depois dessa apresentação, os lobinhos passam a viver livremente, podendo andar por onde quiserem. E, até que cacem o primeiro cervo, nenhum lobo adulto tem o direito de atacar um deles, por qualquer motivo que seja.

Pai Lobo esperou que seus filhotes desmamassem e, então, numa noite de assembleia, dirigiu-se com Mãe Loba, Mogli e seus filhotes para o ponto marcado: a Rocha do Conselho, um alto pedregoso na montanha, onde cem lobos poderiam se juntar. Akela, o Lobo Solitário, que chefiava o bando devido à sua força e astúcia, já estava lá, sentado na sua pedra, tendo pela frente,

também sentados sobre as patas traseiras, quarenta ou mais lobos de todos os pelos e tamanhos, desde veteranos pardos, que podem sozinhos carregar um cervo nos dentes, até jovens de três anos que acham que podem fazer o mesmo. O Solitário os chefiava há um ano. Após cair em duas armadilhas, quando mais jovem, sabia muito bem da malícia dos homens, suas táticas e jeitos.

Houve pouca discussão no Conselho. Os filhotes que vieram para ser apresentados permaneciam no meio do bando, ao lado de seus pais. De vez em quando um veterano ia até eles, examinava-os cuidadosamente e voltava para o seu lugar, sem fazer barulho. Ou então uma das mães empurrava o filhote para um ponto onde pudesse ficar bem visível, de modo que não escapasse às vistas de toda a alcateia. Do seu rochedo, Akela dizia:

— Vocês conhecem a lei. Olhem bem, portanto, ó lobos, para que mais tarde não haja enganoso.

E as mães, sempre ansiosas pela segurança dos filhos, repetiam:

— Olhem bem, lobos. Olhem bem.

Por fim chegou a vez de Mãe Loba ficar aflita. Pai Lobo empurrava Mogli, a Rã, para o centro da roda, onde o filhotinho de homem se sentou, sorridente, brincando com alguns pedregulhos que brilhavam ao luar.

Sem erguer a cabeça das patas, Akela prosseguia no aviso “Olhem bem, lobos”, quando ressoou o rugido de Shere Khan por trás das pedras:

— Esse filhote de homem é meu! Entreguem-no! O que o povo livre tem a ver com um filhote de homem? — urrou ele.

Akela, não ligou, nem sequer mexeu as orelhas. Apenas ampliou o aviso:

— Olhem bem, lobos. O povo livre nada tem a ver com as opiniões dos que não pertencem ao nosso grupo. Olhem, olhem bem.

Ouviu-se um coro de uivos profundos, do meio do qual se destacou, pela boca de um lobo de quatro anos, que achara justa a reclamação do tigre, esta pergunta:

— Mas o que o povo livre tem a ver com um filhote de homem?

A lei da selva decreta que, se há alguma dúvida em relação à entrada de um filhote na alcateia, ele deve ser defendido por dois membros do bando que não sejam seus pais.

— Quem se apresenta para defender esse filhote? — gritou Akela. — Quem, no povo livre, fala por ele?

Não houve resposta, e Mãe Loba se preparou para o que podia ser sua última luta, caso as coisas chegassem a esse ponto.

A única voz, sem ser de lobo, permitida no Conselho era a de Balu, o sonolento urso pardo que ensinava aos lobinhos a lei da selva; o velho Balu, que podia andar por onde quisesse porque só se alimentava de nozes, raízes e mel. Pois ele se levantou sobre as patas traseiras e grunhiu:

— Quem fala pelo filhote de homem? Eu. Eu falo por ele. Não vejo mal nenhum em que viva entre nós. Posso não saber falar bem, mas estou dizendo a verdade. Deixem-no viver livre na alcateia como irmão dos demais. Balu lhe ensinará as leis da nossa vida.

— Outra voz que se levante — disse Akela. — Balu já falou. Balu, o mestre dos lobinhos. Quem fala pelo filhote, além dele?!

Uma sombra se projetou no círculo formado pelos lobos: a sombra de Baguera, a Pantera Negra macho, da cor da noite, com o eventual reflexo de luz na sua pelagem mostrando suas pintas feito uma seda desenhada. Todos o conheciam e ninguém atravessava seu caminho. Baguera era tão inteligente como Tabaqui, tão corajoso como o búfalo e tão incansável como o elefante ferido. Tinha, entretanto, a voz doce como mel selvagem escorrendo de uma árvore e a pele mais macia do que o veludo.

— Akela e demais membros do povo livre! Não tenho direito de falar nessa assembleia, mas a lei da selva diz que, se há dúvida quanto a um novo filhote, a vida dele pode ser comprada por um certo preço. A lei, entretanto, não declara quem pode ou não pode pagar esse preço. Estou certo?

— Sim, sim! — gritaram os lobos mais moços, que estavam sempre com fome. — Ouçamos Baguera. O filhote de homem pode ser comprado por um certo preço. É a lei.

— Bem — disse a pantera. — Já que me autorizaram, peço licença para falar.

— Fala! Fala! — gritaram vinte vozes.

— Matar um filhotinho de homem é pura vergonha. Além disso, ele pode ser muito útil a todos nós quando crescer. Junto-me a Balu e ofereço o touro gordo que acabo de caçar a menos de um quilômetro e meio daqui como preço para que o recebam na alcateia, de acordo com a lei. Vocês aceitam a minha proposta?

Houve uma exclamação de dezenas de vozes, que gritaram:

— Não vemos mal nisso. De qualquer maneira, ele não vai sobreviver até a próxima estação das chuvas, ou será queimado pelo sol. Que dano nos pode fazer a vida dessa rãzinha nua? Que fique na alcateia. Onde está o touro gordo, Baguera? Aceitamos a sua proposta.

Cessada a gritaria, ressoou a voz grave de Akela:

— Olhem bem, lobos!

Mogli continuava distraído com os pedregulhos, e nem notou quando os lobos vieram para espiá-lo, um por um. Por fim, todos se dirigiram para onde estava o touro gordo, ficando ali apenas Akela, Baguera, Balu e o casal de pais adotivos do menino.

Shere Khan urrava por ter perdido a presa que queria tanto.

— Urra, urra! — rosnou Baguera. — Urra, que daqui um tempo essa coisinha fará você urrar em outro tom, ou eu não sei nada sobre homens.

— Está tudo bem — disse Akela. — O homem e seus filhotes são es-pertos. Esse poderá nos ajudar muito, um dia.

— Certamente, porque não podemos chefiar o bando toda a vida — completou Baguera.

Akela se calou. Estava pensando no momento em que cada chefe de cada alcateia começa a sentir o peso dos anos. O líder vai ficando sem forças até que outro surge para o substituir.

— Leve-o — disse Akela a Pai Lobo —, e o eduque bem, para que seja útil ao povo livre.

Foi assim que Mogli entrou para a alcateia: à custa de um touro gordo e pelas palavras de Balu.



Pulemos agora dez anos de descrição da vida de Mogli entre os lobos, coisa que daria história para muitos outros livros. Digamos apenas que ali cresceu entre os lobinhos, embora todos ficassem adultos antes que Mogli deixasse de ser criança. Pai Lobo lhe ensinou sobre a vida e o sentido das coisas da selva, em todos os detalhes. Os menores ruídos nas folhagens, o movimento das brisas, as notas do canto da coruja, cada arranhão que a garra dos morcegos deixa na casca das árvores, onde se penduram por um momento, o respingo na água de cada peixinho que dá pulos na superfície: tudo tem muito significado para os animais da floresta.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



**FARO
EDITORIAL**

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM MAIO DE 2023